

Amarelinha: Brincadeira de bebê ou brincadeira de criança?

Prof. Franz Carlos de Oliveira Lopes

EMEF M' Boi Mirim III

Este projeto foi desenvolvido no ano de 2012, na EMEF M' Boi Mirim III, com a turma do 3º Ano do ciclo I. A escola pertencente à DRE Campo Limpo e está situada nas proximidades do largo do Jardim Ângela, bairro do extremo sul da capital paulista. A unidade recebe crianças vindas de bairros mais distantes como Jardim Nakamura, Menininha e Parque Novo Santo Amaro, em função do aumento do tempo de permanência dos alunos nas instituições educativas municipais de 04 para 06 horas. A situação coloca frente à frente sujeitos de culturas diferentes, promovendo algumas relações tensas entre eles.

Com a finalidade de realizar um trabalho mais dialógico entre a prática pedagógica e os documentos elaborados pela unidade, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e os horários coletivos compostos pela Jornada Especial Integral de Formação (JEIF) e Projeto Especial de Ação (PEA), visualizei um percurso lado a lado com esses elementos que norteiam o trabalho dos demais professores. Apesar do PPP estar em construção, o PEA estava definido e apresentava como tema: “Refletindo e dialogando com as práticas didáticas dos educadores nas diferentes áreas do currículo e ciclos, na perspectiva de uma aprendizagem significativa - além das letras”. A decisão do tema deveu-se ao fato de que as áreas do conhecimento dentro da unidade estarem muito fragmentadas. Ainda havia pouco diálogo entre os componentes do currículo.

No início do ano letivo, com o intuito de reunir informações que orientassem o projeto a ser trabalhado, realizei o mapeamento da região a fim de reconhecer as manifestações corporais que constituem o patrimônio cultural da comunidade. Para que fosse possível a coleta, solicitei a elaboração de desenhos sobre as brincadeiras presentes na comunidade bem como em outros espaços frequentados pelos estudantes como clubes, praças e associações comunitárias. Neste caso, solicitei que focassem as vivências que ocorreram durante as férias escolares. Para a elaboração desse registro foram utilizadas aproximadamente duas aulas.

Ao final, os alunos apresentaram suas produções e comunicaram suas representações a respeito do tema. Entendo que o posicionamento das crianças sobre as coisas do mundo é de suma importância, pois apontam os elementos com os quais se se identificam e, por consequência, indicam o modo como se constituem enquanto sujeitos integrantes da cultura.

Várias produções sobre as manifestações corporais foram elencadas e abordadas pelos alunos, entretanto, o desenho mais recorrente na sala foi a brincadeira amarelinha. Em meio às exposições, apareceram grupos contrários a essa prática corporal, colocando em xeque a prática. Para esses alunos, a amarelinha representava brincadeira de bebê, enquanto outros acreditavam tratar-se de brincadeira de criança. Nesse momento, deu-se um debate acalorado sobre a manifestação. O envolvimento dos alunos foi bastante expressivo. Para muitos, aqueles que estão em certa faixa etária (como eles) não deveriam envolver-se com as manifestações ditas para os pequenos. Ser mais velho implica não realizar certas práticas. Percebi a relevância de tematizarmos a manifestação amarelinha visto que as representações estavam bastante polarizadas. Foram essas as condições que motivaram a tematização da amarelinha e permitiram as problematizações iniciais do estudo.

Definido o tema, estabeleci os objetivos: promover o debate visando reconhecer as leituras e interpretações dos alunos acerca da manifestação tematizada; estimular, ouvir e discutir todos os posicionamentos com relação a ela, além de apresentar sugestões para a superação dos conflitos resultantes; oferecer novos conhecimentos, oriundos de pesquisas nas diversas fontes de informação sobre o assunto e reconstruir a brincadeira corporalmente; e elevar os representantes dos diferentes grupos à condição de sujeitos da transformação da manifestação estudada.

Diante disso, selecionei duas expectativas de aprendizagens presentes nas Orientações Curriculares da SME/SP e adicionei outra com base nos Estudos Culturais:

- a) Identificar as principais características das brincadeiras vivenciadas (nome de artefatos, movimentos, regras, forma de organização, quantidade de participantes etc.).
- b) Elaborar formas de registro a partir das vivências (desenho, escrita, fotografia, relato oral).
- c) Desconstrução das ideias fixas que relacionavam a amarelinha a uma determinada faixa etária.

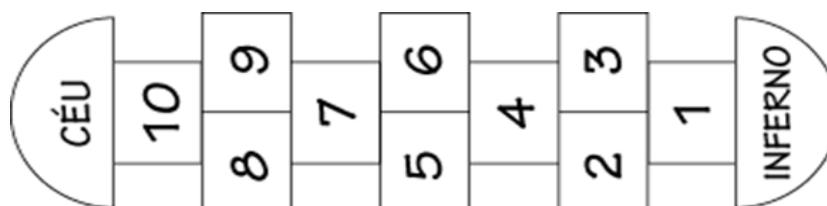
Uma vez delineadas as intenções, organizei vivências das amarelinhas que os alunos desenharam durante o mapeamento, uma vez que o acesso aos códigos corporais das comunidades em que vivem seria uma importante estratégia de reconhecimento das suas identidades culturais. Apesar de apresentarem apenas um modelo de jogo, alguns jogavam de modo diferente. Aproveitei para destacar as características das maneiras diversas de brincar. Evidentemente, isso ampliou a leitura dos alunos sobre a amarelinha.



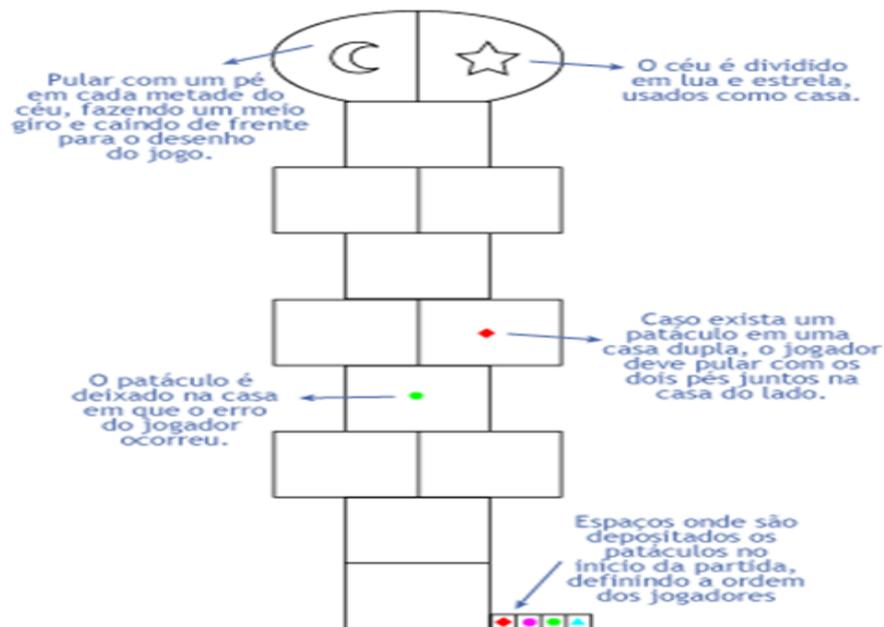
Como foi apresentado apenas um formato da brincadeira, recorri a outras fontes de informação que traziam olhares diferentes e contraditórios para com as representações iniciais. Além disso, essa etnografia faria emergir conteúdos de ensino ancorados socialmente.

Em pesquisa com os alunos pela internet, recolhemos vídeos e textos sobre a manifestação. Encontramos um texto com várias informações, que apresentava tipos diversos da brincadeira, seus modos de jogar, sua chegada da Europa, entre outras. Colhi as informações e organizei as atividades de ensino que se referiam à ampliação e ao aprofundamento.

Na sequência, retomei as vivências e promovi a discussão sobre as práticas das diversas amarelinhas pesquisadas. Nos textos, os alunos identificaram as formas de brincar e os diferentes traçados da amarelinha conforme a região do Brasil. Em São Paulo e Rio de Janeiro a amarelinha possui formato e regras bastante semelhantes.

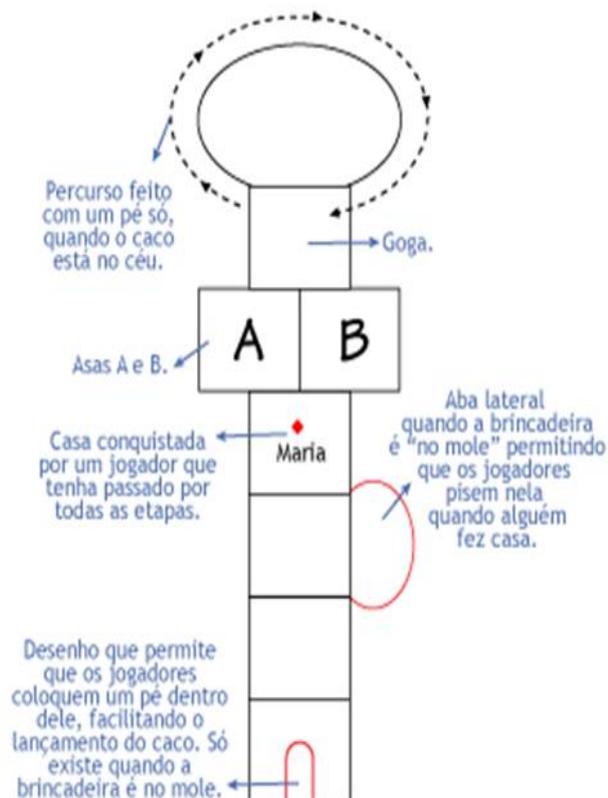


No Acre, Pará, Amapá, Ceará, Rio Grande do Sul e Piauí o nome dado é macaca. O diagrama da macaca é parecido com o da amarelinha paulista com algumas alterações: o desenho começa com duas casas únicas, o céu é dividido em “lua” e “estrela” e não há inferno.



A brincadeira é muito popular nos Estados do Norte do Brasil, onde, em vez de usar uma pedra, as crianças usam um saquinho cheio de terra chamado “patáculo”. Cada participante tem seu próprio “patáculo”, que é guardado em pequenos quadrados desenhados ao lado da primeira casa do diagrama.

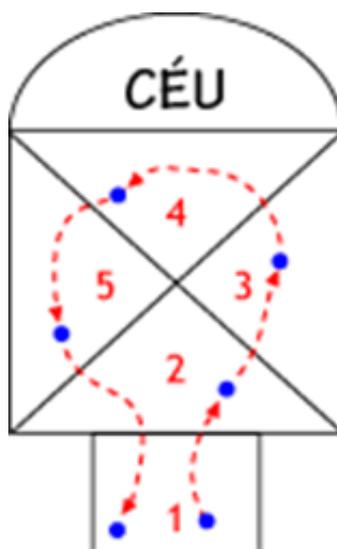
Cademia é o nome de costume em Pernambuco. O desenho do “tabuleiro” da cademia tem um céu, uma casa dupla chamada “asa” e algumas casas únicas.



Em Pernambuco também se brinca de cademia do pão-doce. O diagrama é composto por um retângulo com seis casas divididas em duas fileiras de três e uma área oval no topo, que representa o céu.



A pesquisa também constatou em Pernambuco a amarelinha do caco. O diagrama é formado por um quadrado, com um "x" no meio (formando quatro casas), uma área em meia-lua no topo (o "céu") e um quadrado menor na outra extremidade (a casa 1).

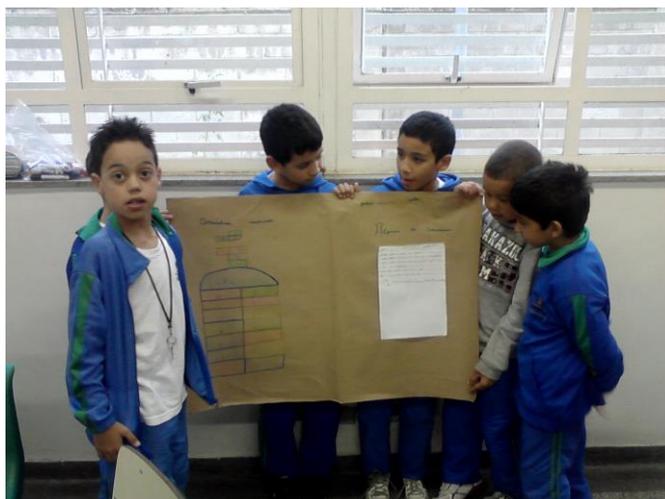


Outra, mais conhecida, é a do caracol. No chão, desenha-se uma grande espiral, começando do meio para fora, dividindo o seu interior em “casas”. No centro fica o “céu”.



As aulas em que os estudantes praticaram, analisaram e interpretaram vídeos e textos que apresentavam diversas formas de realizar a amarelinha, além da realização de pesquisas orientadas previamente, possibilitaram maior entendimento de outros significados atribuídos à amarelinha.

O passo seguinte foi a construção da brincadeira pelos alunos. A experiência foi importante porque posicionou-os como produtores de um artefato cultural e da sua ressignificação. Valendo-se das ideias citadas e divididos em grupos, os alunos deram início ao processo de produção de novas formas de amarelinhas, primeiramente em folhas de papel craft. Também deveriam criar as regras.



Após o tempo estipulado, os grupos socializaram suas produções com outros grupos. Surgiram construções como amarelinha cobra; amarelinha quatro cantos; amarelinha direita esquerda; amarelinha corpo humano. Usamos algumas aulas para experimentar as invenções e aperfeiçoá-las redesenhando ou modificando as regras quando necessário. Essas produções também foram socializadas na Mostra Cultural realizada na escola. Evento que contou com a participação dos pais e comunidade escolar.

Com a finalidade de materializar os discursos trazidos pelos textos sobre as diversas formas de vivenciar as amarelinhas, recorremos a vídeos que remetiam às práticas realizadas em aulas. A internet foi o aporte da pesquisa. Selecionamos algumas das formas praticadas em aula. Rapidamente os estudantes perceberam que algumas das pessoas que apareciam brincando nos vídeos eram adultos. Foi o ponto de partida das atividades de desconstrução da vinculação entre faixa etária e a prática corporal.

A desconstrução visa desnaturalizar certa representação e fazer perceber que todo artefato cultural é uma construção humana marcada por conflitos e relações entre sujeitos e, com o tempo, tende a parecer mera evolução. Para além da assistência aos vídeos que apresentavam adultos, jovens e crianças realizando a manifestação e as conversas que se sucederam, promovi uma visita ao Centro de Educação Infantil (CEI) Tancredo Almeida Neves, uma instituição de educação infantil próxima à unidade de escolar.

Fui ao CEI e conversei com os responsáveis para explicar os objetivos da visita e combinar os procedimentos. Orientaram-me a encaminhar um ofício em duas vias. Solicitei à direção e coordenação da escola que cuidassem desse assunto. Na data marcada, fomos ao CEI. Elaboramos previamente um roteiro de três perguntas para entrevistar as professoras dos

pequenos: Quais brincadeiras são realizadas pelas crianças? Como é o dia das crianças no CEI? As crianças brincam de amarelinha?

Os alunos foram divididos em dois grupos, cada qual acompanhado por duas professoras da EMEF, sendo uma delas a professora da sala. Essa colaboração foi fundamental na organização da conversa dos alunos com as educadoras do CEI. A atividade foi realizada sem alterar a rotina das crianças.



Nas aulas seguintes, fechamos o estudo com uma longa discussão sobre as práticas realizadas no CEI, pautada tanto pelas informações fornecidas pelas entrevistadas como pelas observações dos alunos. Na primeira questão, as professoras responderam que os alunos não sabiam brincar de amarelinha, uma vez que poucos deles conheciam os números, formas e regras. Os alunos observaram o desenho de amarelinhas em alguns espaços da instituição, no entanto, só as crianças mais velhas brincavam da maneira que entendiam.

Os alunos, ao socializarem suas respostas, identificaram que algumas práticas eram semelhantes e outras distintas daquelas que caracterizavam o cotidiano da EMEF, como jogar bola ou brincar de pega-pega. Por sua vez, as cantigas e brincadeiras de roda foram consideradas atividades específicas do CEI.

A rotina do CEI é diferente da EMEF. Os alunos identificaram que as práticas de leitura e escrita são menos enfatizadas e o inverso acontece com as práticas corporais. Os alunos também têm momentos para assistir desenhos e dormir. Algumas salas possuem um solário.

Esse processo de análise finalizou o projeto. Eles concluíram que a significação inicial que faziam da amarelinha era uma forma de marcar sujeitos em posições inferiores. Também se viram na condição de leitores e escritores de práticas corporais, pois vivenciaram muitos momentos nos quais analisaram as condições da brincadeira, acessaram formas de jogar diferenciadas e produzidas em outro contexto, além de produzirem suas amarelinhas e as socializarem entre si e com a comunidade.